

A INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: uma breve abordagem sobre a sociedade da informação, o fenômeno global e a mundialização da cultura

Sara Andrade¹

Resumo

Articulando a importância da informação na sociedade contemporânea, transitamos entre fenômenos que têm nesse elemento informacional um ponto de comunhão. Trata-se da formação de uma sociedade global, sustentada pela informação e pelo conhecimento, e que tem como um dos seus aspectos mais discutidos a possibilidade de formação de uma cultura igualmente planetária. Trazemos aqui para comentário algumas das questões que se colocam como fundamentais em face dessa nova realidade que se edifica.

Palavras-chave: *Informação; sociedade contemporânea; novas tecnologias da informação; mundialização da cultura.*

1 O FENÔMENO GLOBAL E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A descoberta de que vivemos hoje em uma sociedade global e as novas formas de compreender o mundo nos surpreendem, encantam e atemorizam. O mundo não é mais compreendido como um conjunto de nações e o seu elemento central e principal não é mais o indivíduo em sua singularidade ou organizado coletivamente. O componente humano é agora concebido dentro de uma sociedade global, de um espaço mundializado pelas configurações e movimentos da globalização.

O fenômeno da Globalização é tido por Albrow² (apud., IANNI, 1997, p. 09), como a significação de “todos os processos por meio dos quais os povos do mundo são incorporados em uma única sociedade mundial, a sociedade global”. Esta nova realidade traz implicações sociais, políticas, econômicas, históricas, culturais, geográficas e lingüísticas. Tal variação igualmente aponta as perspecti-

¹ Mestre em Ciência da Informação (UFPB), Professora da FARN.

² ALBROW, Martin. Globalization, Knowledge and Society. Sage Publications, London, 1990, pp. 3-13.

vas, a ótica sob a qual analisamos respectivo fenômeno, fazendo surgir várias metáforas, multiplicadas pela imaginação e pela reflexão, na tentativa de traduzir o acontecimento global:

Faz tempo que a reflexão e a imaginação sentem-se desafiadas para taquigrafar o que poderia ser a globalização do mundo. Essa é uma busca antiga, iniciada há muito tempo, continuando no presente, seguindo pelo futuro. Não termina nunca. São muitas as expressões que denotam essa busca permanente, reiterada e obsessiva, em diferentes épocas, em distintos lugares, em diversas linguagens (IANNI, 1997, p. 57).

Segundo Ianni (1997, p. 16), muitas expressões descrevem ou traduzem a globalização: “economia-mundo”, “sistema-mundo”, “shopping center global”, “capitalismo global”, “mundo sem fronteiras”, “hegemonia global”, “Disneylandia global”, dentre outras. Cada uma dessas formulações suscita ângulos diversos de análise, priorizando aspectos que transitam desde o social e o político até o lingüístico.

Em seu aspecto mais geral, contudo, é a idéia de comunidade mundial, de mundo sem fronteiras que vamos empregar neste primeiro momento. É no âmbito de um espaço ou ambiente global que vamos considerar as novas tecnologias de informação e a sociedade que tem nelas um de seus sustentáculos: a sociedade da informação e do conhecimento.

A expressão ‘Sociedade da Informação’ quer significar uma nova forma de organização social em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação adquirem primazia na criação de conhecimento e na potencial satisfação das demandas da sociedade atual. Tal sociedade corresponde a uma nova estrutura social, cujo funcionamento recorre crescentemente a redes digitais de informação. As alterações daí advindas resultam do desenvolvimento de novas tecnologias da informação, audiovisuais e das comunicações com as suas importantes ramificações e impactos no trabalho, na educação, na ciência, na saúde, no lazer, nos transportes e no ambiente, dentre outros.

A transição para esta nova sociedade, motivada pela revolução informacional, possui um traço diferencial em relação às outras revoluções tecnológicas, que tinham por base a energia, a matéria e a força muscular. O que

caracteriza a transição em curso (da sociedade industrial para a pós-industrial) é o domínio da informação e do conhecimento:

Na transição da sociedade industrial para a pós-industrial, a informação vai se delineando como ingrediente indispensável à tomada de decisões e objeto propulsor do desenvolvimento (...), o fator determinante do progresso se desloca cada vez mais da posse de bens materiais para a capacidade de elaborar idéias (CABRAL, 1992, p. 214).

Nesse espaço de primazia da informação e do conhecimento, as novas tecnologias desenvolvidas para seu manejo e uso vieram dar novo impulso ao trato do elemento informacional, de como acessá-lo, recuperá-lo, transmiti-lo. A mídia adquire novos recursos ao contar com uma comunicação global e instantânea que lhe potencializa como veículo de transmissão de notícias. A “Aldeia Global” indica a formação de uma comunidade mundial, materializada “com as realizações e as possibilidades de comunicação, informação e fabulação abertas pela eletrônica” (IANNI, p. 16). Com esse recente espaço aberto, além das mercadorias convencionais, a informação aparece como um novo produto a ser comercializado: “As informações, os entretenimentos e as idéias são produzidas, comercializadas e consumidas como mercadorias” (IANNI, p. 52).

Segundo Ianni, a modernização parece ter como marca “a proliferação e a generalização dos meios impressos e eletrônicos de comunicação, articulados em teias multimídias alcançando todo o mundo” (IANNI, p. 93). Em função das tecnologias originadas da informática e da eletrônica, os meios de comunicação se fortalecem com mais recursos e mais dinamismo. A mídia eletrônica prevalece, no âmbito da Aldeia Global, como poderoso instrumento de comunicação e informação.

Seja qual for sua realidade ou idéia, a Aldeia Global tem como suporte a informatização, as técnicas eletrônicas que compõem uma máquina universal que maneja mensagens múltiplas e está presente em todos os lugares. São o que se denominam ‘tecnologias da inteligência’, as quais caracterizam a era da informática.

A explosão dessas novas tecnologias da informação e da comunicação, a qual tem hoje como emblema a Internet, vem acompanhada do surgimento da sociedade da informação e do conhecimento. Essas tecnologias, que intervêm na quase totalidade das atividades humanas, estruturam modos de aprender, de pensar, de produzir, de trocar, de decidir e de se representar o mundo.

A Sociedade da Informação, portanto, desenha-se como um novo ambiente global, alicerçado na comunicação, cujas regras de operação, serviços e aplicações estão sendo discutidas e construídas atualmente em âmbito mundial.

Diante desse fluxo mundializado de informações, percebemos que o fenômeno global e a sociedade informacional possuem um nexu particular: as novas tecnologias de informação e comunicação. A nova realidade que se configura nos coloca algumas questões fundamentais sobre suas conseqüências e efeitos, dentre as quais destacamos as seguintes indagações: aderir à era da informação e do conhecimento, assim como entrar no ritmo da globalização, pode significar o progresso social ou o aniquilamento das culturas locais, regionais e nacionais? Até que ponto estar inserido nesta nova realidade é benéfico ou maléfico para as nações sob o ponto de vista de suas tradições culturais? Seria o excesso de informação algo ameaçador para as sociedades contemporâneas?

Relacionar o fluxo global de informações com o progresso social, assim como a globalização com a identidade cultural requer mais que avaliar essas relações entre benéficas ou maléficas, o que é geralmente uma tendência a priori, sendo necessário, para uma ponderação rica e cautelosa, perceber as vantagens e desvantagens que podem se extrair desse novo campo de ligações.

Na realidade, todas as questões postas até o momento devem ser consideradas como uma provocação que, pela inquietação que pode causar, promove o desafio e a motivação de se tentar produzir exames mais cuidadosos e articulações mais consistentes do que se pretende argumentar. Tomaremos aqui essa provocação e nos empenharemos no intento de discutir brevemente o tema sem a pretensão de esgotar suas possibilidades de entendimento, mas sim de expor sucintas considerações e de renovar nossas inquietações.

A Sociedade da Informação e o fluxo mundializado de mensagens, desenham-se, portanto, como um novo ambiente global, alicerçado em comunicações, cujas regras de operação, serviços e aplicações ainda estão sendo discutidas e construídas em âmbito planetário.

Fazer parte dessa nova sociedade não significa tão somente gozar dos seus benefícios, dos ganhos ou proveitos que as novas tecnologias podem oferecer. É neste momento que pretendemos ponderar os avanços, os benefícios e malefícios que a dinâmica informacional impressa pelas técnicas eletrônicas de informação e comunicação fazem surgir como conseqüência.

Inegáveis são os progressos e benefícios que o fluxo mundializado de

informação pode redundar. Em todos os setores da nossa vida cotidiana percebemos a presença das novas tecnologias e como estas facilitam nossas atividades no trabalho, na vida doméstica, nas relações comerciais e financeiras, na academia e no lazer. O usufruto destas técnicas e a facilidade de se obter e recuperar informações que nos auxiliem no exercício de nossas atividades e na tomada de decisões podem nos aproximar do progresso ou nos pôe dentro de sua marcha.

Muitos projetos podem ser encaminhados, muitos problemas podem ser solucionados com o uso de tecnologias informáticas e principalmente com o teor das informações que destes instrumentos fazem uso para circular entre seus usuários.

A circulação de informações se traduz não somente em avanços tecnológicos ou instrumentos sofisticados de multimídia, podem representar também um fluxo de conhecimentos, cuja apropriação e utilização importa em produção de mais conhecimento e de progressos em todos os setores sociais.

Talvez aqui esteja a primeira inquietação sobre os supostos progressos alcançados com o mero fluxo de informações. Acreditamos que a aproximação ou até o alcance “dos horizontes progressivos da modernidade” não é algo automático, mágico. O simples ir e vir de informações não põe uma nação no rumo certo do progresso. Dois aspectos devem ser considerados antes que aceitemos esta hipótese: 1) Que tipo de informação está circulando? 2) Como as pessoas se apropriam dessa informação?

Pensamos que a transmissão da informação apenas geraria progresso quando, além de possuir o teor progressista necessário para tanto, motivasse transformações, redefinições de conceitos e noções, e, enfim, quando dita informação interagisse com seu destinatário, transformando-se com ele, para que, por fim, ocorra a apropriação pelo usuário dessa informação do que acabou de ser conhecido.

Informações mal compreendidas, mesmo que transmitidas com o uso da mais alta tecnologia, pode significar progresso nenhum. Antes de considerarmos como válida a hipótese de que estar inserido na malha do tráfego competente de informações leva ao progresso, devemos considerar outros elementos, a exemplo do fator educação, do preparo intelectual das pessoas que enviam e recebem mensagens, do grau de compreensão e da capacidade de se inclinarem “progressivamente” para o futuro e para a “modernidade” (atribuindo-se para esta um sentido evolutivo).

Não queremos aqui articular argumentos pessimistas, ao contrário, encaramos com otimismo tudo o que possa colaborar com o bem-estar social,

apenas não queremos tratar questão tão complexa e relevante de forma simplificada. Temos, antes de tudo, que saber de que progresso estamos falando e que tipo de progresso queremos para nós.

2 MUNDIALIZAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL

Considerando o fenômeno global e seus efeitos no mundo da cultura, afigura-se oportuno destacar que uma das preocupações mais prementes nessa temática é a questão da sobrevivência das culturas locais em face de uma “planetarização cultural” que se anuncia. Isso porque a globalização, fenômeno quase inexorável da atualidade, é entendida como a significação de todos os processos por meio dos quais os povos do mundo são incorporados em uma única sociedade mundial, a sociedade global.

Conforme já afirmamos, muitos efeitos se incluem nesta nova realidade, com implicações sociais, políticas, econômicas, históricas, culturais, geográficas e lingüísticas. Analisaremos agora esse fenômeno considerando um dos seus aspectos possíveis, situado dentro das previsões de formação de uma cultura mundial e da possibilidade de “extinção” das culturas locais e da identidade cultural.

Como bem nos coloca Ortiz (1996, p. 62):

As inovações tecnológicas têm evidentemente uma influência capital na mundialização da cultura, formando a infra-estrutura material para que ela se consolide. Computadores, fax, satélites possibilitam a comunicação à distância, favorecendo o desenvolvimento das cadeias televisivas planetárias e das firmas globais... o planeta é uma rede informacional cujas partes encontram-se interligadas.

Uma reflexão importante e inevitável é posta de início: ante o fenômeno da globalização, que propõe um mundo sem fronteiras e uma certa unicidade, estariam as diferenças e as diversidades culturais ameaçadas?

De fato, pensar numa aldeia global nos sugere também pensar nesta unicidade já mencionada. Contudo, tal idéia não é antagonista às diferenças e às diversidades. Ao contrário, mesmo que se construa uma nova forma de compreender o tempo e o espaço, mesmo que se crie uma nova ‘visão de mundo’ mais global, as outras ‘visões de mundo’ continuam existindo e todas elas convivem,

em conflitos, acomodações e hierarquias, sem, no entanto, aniquilarem-se.

Segundo Ortiz, o processo de mundialização da cultura preserva outras culturas, que são as culturas locais e preexistentes no interior do espaço transcultural que se edifica, inculindo nestas novos significados e outras conotações. A totalidade integrada inspirada pela mundialização “penetra as partes no seu âmago, redefinindo-as nas suas especificidades”.³ Para existir, o processo de mundialização deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens.

A cultura que antes tinha uma área geográfica determinada, agora pode ser pensada numa territorialidade global. Isso pode nos levar a crer, num primeiro momento, que com a difusão tecnológica, “a aldeia global consagraria uma homogeneização dos hábitos e do pensamento. As tecnologias de comunicação, ao aproximarem as pessoas, tornariam o mundo cada vez mais pequeno e idêntico”.⁴

O que há de fato, é talvez uma hegemonia da cultura mundial e não uma homogeneização cultural. A diferença é por demais importante e incontroversa. Quando falamos em hegemonia, pressupõe-se a existência de outros tipos de expressões culturais, que coexistem no contexto hegemonizado da sociedade global. Hegemonia quer significar preponderância, supremacia, superioridade. Isso nos faz presumir, sem muito esforço hermenêutico, que há uma relação com o outro, que várias culturas se relacionam, convivem e se acomodam. Já a homogeneização, embora pressuponha a existência de partes, essas são da mesma natureza, estão estreitamente ligadas e não apresentam diferenças. Seria o fim das diferenças e das diversidades que comprometeriam a identidade cultural e este fim, embora pareça se prenunciar com o desenvolvimento espetacular de tecnologias, não devemos imaginar que estas nos levariam a viver num mundo sem fronteiras, mas sim que a contemporaneidade, ao romper com a geografia tradicional, cria novos limites.

Esta coexistência entre a cultura hegemônica e outras culturas é bem ilustrada pelo cientista social Ianni (1997, p. 110-112), quando, a título de exemplificação, explica essa dita convivência quando nos esclarece que, muito embora a língua inglesa venha sendo o idioma da aldeia global, as outras línguas não deixam de existir:

Sim, a língua de fato da aldeia global tem sido principalmente o inglês... Naturalmente as outras

³ ORTIZ, 1996, p. 30-31.

⁴ *Ibid.*, p.31.

línguas não só permanecem, mas desenvolvem-se, transformam-se e até mesmo podem enriquecer-se.

... Do intercâmbio entre as diferentes línguas como momentos essenciais das diferentes culturas, dos diferentes modos de ser, tanto se produzem mutilações e reiteraões como recriações e transfigurações.

... A universalização do inglês, portanto, não significa automaticamente a homogeneização dos modos de falar, escrever e pensar, ou ser, agir, sentir, imaginar e fabular. Ainda que a forma pela qual está ocorrendo a globalização do capitalismo leve consigo essa tendência, ainda que idéia de aldeia global implique essa conotação, é inegável que as mais diversas modalidades de organizar a vida e o trabalho, as heranças e as tradições, as façanhas e as derrotas, ou os trabalhos e os dias, continuarão a produzir e a desenvolver as diferenças, as diversidades e as polifonias.

Na sociedade global, ao mesmo tempo que atuam forças de articulação, integração e até de homogeneização, operam forças que afirmam e desenvolvem diversidades, singularidades e identidades. O problema da diversidade no contexto da globalização deve ser refletido. Contudo, não devemos nos inclinar para posicionamentos exacerbados, em que o local supera o global ou que a diversidade se subordina à globalidade, não podemos esquecer que “o local pode não só afirmar-se como recriar-se no contraponto com o global” (IANNI, 1997, p. 202).

A sociedade global traz, nas suas configurações e movimentos, o problema da diversidade. Em qualquer situação estamos diante do contraponto local-global, parte e todo, micro e macro, individualismo e holismo... nossa reflexão se envolve com a dialética singular e universal. O que precisamos deixar claro é que não há primazia de um ou outro, mas sim que ambos se constituem reciprocamente, articulam-se de maneira harmoniosa, tensa ou contraditória. “A globalização não significa nunca homogeneização, mas diferenciação em outros níveis, diversidades com outras potencialidades, desigualdades com outras forças”.⁵

⁵ IANNI, p. 206.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Grupo de Trabalho sobre Sociedade da Informação. **Ciência e tecnologia para a construção da sociedade da informação no Brasil** (Documento de Trabalho Versão 3). São Paulo: CNPq/IBICT, Instituto UNIEMP, 1998.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Bases para o Brasil na sociedade da informação: conceitos, fundamentos e universo político da indústria e serviços de conteúdo**. São Paulo: CNPq/IBICT, Instituto UNIEMP, 1998.

CABRAL, Ana Maria Rezende. **Sociedade pós-moderna: o poder da informação, o poder de informar**. Revista da Escola de Biblioteconomia. Belo Horizonte: UFMG, v. 21, n. 02, p. 213-223. jul/dez., 1992.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Abstract

Articulating the importance of the information in the modern society, moving through phenomena, which have in this informational element a common point. We are talking about the formation of a global society, based on information and knowledge, and that it has one of the most arguable aspects the possibility of formation of a culture equally planetary. We bring some questions, which are considered fundamental for comments of this new reality that is being built.

Key words: *Information; contemporary society; news technologies.*

